

Os índios vão atacar?

"Estamos com muito medo de vocês", disseram dois fazendeiros ao índio Megaron, representante dos Txucarramae. A situação continua complicada no Xingu.

O presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima, propôs ontem aos índios Txucarramae um encontro em campo neutro, provavelmente em Cuiabá, para a discussão do impasse que permanece na região Norte do Parque do Xingu, onde os índios interditaram a rodovia BR-080, retendo uma balsa. Ontem à tarde, um representante dos índios, Megaron, esteve em São José do Bang Bang e conversou via rádio com o superintendente da Funai, em Brasília, Lamartine Ribeiro. Megaron vai agora levar aos índios que estão no posto indígena Kretire a nova proposta da Funai para o encontro com Ferreira Lima, mas em princípio ele afirma que os índios não irão concordar.

A tarde houve um rápido encontro entre Megaron, representante da tribo dos Txucarramae, e os fazendeiros Rosana e José Vicente Rocha. Ele garantiu aos dois fazendeiros que os índios não vão atacar as fazendas da região, pois o problema deles é com a Funai. "Acho que estão querendo enrolar vocês nisso", disse o índio. "Estamos com muito medo de vocês", responderam os fazendeiros. Megaron afirmou que eles também estavam com muito medo e chegaram a retirar crianças e mulheres da aldeia. O índio veio a São José acompanhado de agentes da Polícia Federal para receber medicamentos e mantimentos que a Funai está enviando para a tribo. À noite voltou para a aldeia, para discutir com os índios a proposta de encontro com o presidente da Funai em Cuiabá.

A intermediação da direção da Funai no atual impasse tem sido praticamente nula, o observador do órgão na área, coronel Ercio Soares, afirma que cabe ao diretor do parque, Cláudio Romero, evitar que os índios continuem as hostilizações, devolvendo a balsa. Ele mesmo só teve contato até agora com a Funai e com o índio Megaron, em Bang Bang, afirmando que sua segurança não pode ser garantida dentro do parque.

Depois do fracasso da reunião dos fazendeiros com os índios, o único canal de comunicação direta com os Txucarramae tem sido os agentes da Polícia Federal. Anteontem eles estiveram, à tarde, com os índios na margem do rio. Os índios voltaram a pedir a presença de Ferreira Lima na área, não aceitando a proposta de encontro em Brasília. Os federais calculam que fizeram contato com 90 índios, que embora armados não foram hostis.

O desdobramento do problema na área é imprevisível. A Funai decidiu enviar medicamentos para os índios e, ontem pela manhã, mandou também combustível. No entanto, não se fala na questão da terra. Esta, segundo o coronel Ercio Soares, não poderá ser resolvida, e os índios precisam ser conscientizados neste sentido. Ele acha que uma definição deveria ter sido tomada há muito tempo, desde o desmembramento da faixa que margeia o rio Xingu, cortada pela rodovia BR-080. Antes do Decreto 88.118/83, a Funai tinha condições de, através de portaria, declarar a área como indígena, estabelecendo a sua demarcação administrativa. Agora, qualquer decisão só



Os índios estão vigilantes na beira do rio

Sérgio Borges

poderá ser tomada pelo Ministério do Interior junto com o Ministério Extraordinário para Assuntos Fundiários.

Impasse

Para os fazendeiros da região, a situação continua difícil, pois eles não têm qualquer garantia de que os índios não vão mesmo fazer qualquer tipo de represália. Embora o comandante geral da PM do Mato Grosso, coronel José Silvério, garanta que conta no momento "com um efetivo humano e material suficiente para garantir a segurança da área, os fazendeiros permanecem atentos aos acontecimentos. O casal José Vicente e Rosana Rocha, donos da fazenda Barra do Dia, estão com os trabalhos da

fazenda parados. Os peões querem ir embora. O vaqueiro já saiu. E, embora a fazenda esteja guardada por policiais, a preocupação é grande.

"É preciso que seja dado um basta às pretensões dos índios, ou então que a Funai nos indenize para resolver o impasse" — disse ela. "Os índios estão acostumados a matar para conseguir o que pretendem da Funai. Foi assim, em 1980, que eles agiram, para desativar a fazenda São Luís, que é vizinha à nossa. Agora, poderá ser a gente, e depois a fazenda Quadrante, situada ao lado da nossa."

Os fazendeiros diziam ontem, ainda, que ficaram aliviados depois que decidiram suspender o encontro com os índios. "Na

verdade — afirma Alexandre Barbosa —, se ele tivesse ocorrido, não teríamos nada para falar com os índios, pois não podemos solucionar a questão das terras. Só mesmo a Funai."

Comenta-se, ainda, na região, que a Funai, ao apoiar o encontro dos índios com os fazendeiros, estaria procurando diminuir a sua responsabilidade no caso, já que a indefinição do órgão em relação ao problema vem-se desenrolando desde 1971, quando a área pleiteada pelos índios foi desmembrada do Parque do Xingu. Os fazendeiros afirmam, a todo instante, que a briga não é entre índios e fazendeiros, mas entre índios e Funai. E desabafam que não estão dispostos a cumprir o papel de "bode

expiatório". Eles afirmam, ainda, que depois de todo o investimento que fizeram não vão agora simplesmente passar uma escritura de doação das terras aos indígenas.

Na verdade, a faixa de 15 quilômetros por 60 que os índios querem de volta está parcialmente intacta. Poucas fazendas dentro dessa área começaram a ser ativadas, embora seja calculado em torno de 60 o número de glebas tituladas pelo governo do Mato Grosso em 1961, na região. Inclusive, os fazendeiros que têm acompanhado mais de perto o impasse não possuem títulos dentro da área conflitada, mas sim nas áreas circunvizinhas.

Eles afirmam que esse problema com os índios tem prejudicado profundamente o desenvolvimento do vale do Xingu, onde já é bem grande o número de agropecuárias instaladas. O fazendeiro Expedito Pereira Carvalho, que também está retido em São José do Bang-Bang desde o bloqueio da estrada na última sexta-feira, desabafou: "Esta situação é uma facada no sangradouro da região".

Para chegar à localidade Piacan, no Norte do Mato Grosso, com a interdição da estrada, ele deverá percorrer toda a estrada de volta a Cuiabá e viajar 1.800 quilômetros por outra estrada — a Cuiabá-Santarém. Seguindo pela BR-080 ele consegue economizar mil quilômetros.

A fazendeira Rosana Rocha disse que a cada vez que explode um problema com os índios fica difícil encontrar pessoas que queiram trabalhar nesta área. As terras desvalorizam e deturpa-se a imagem dos fazendeiros da região que, segundo ela, são amigos dos índios. "Não temos jagunços para enfrentar os txucarramae — disse ela —, queremos viver em paz. Além disso, não somos bandidos nem aventureiros. Esta é uma região boa para se trabalhar. Não tem posseiro, grileiro, nem padre."

Diante do fracasso do encontro entre fazendeiros e índios, o povoado de Bang Bang, onde vivem cerca de mil pessoas, começou a ter menos movimento. Muitas pessoas voltaram para as cidades de Aragarças e Cuiabá. Poucas permanecem aguardando a normalização do tráfego. Entre elas, está Lígia Brito Lopes, que trabalha como cozinheira na região do Rio Peixoto de Zevedo, num garimpo. Já sem dinheiro, ela está trabalhando na Pensão Xingu para poder garantir a sua alimentação. Os proprietários da pensão, Irineu e Lurdes Ley, já moraram na margem do Rio Xingu, onde funciona a balsa agora retida pelos índios. Irineu era balseiro em agosto de 1980, quando os índios atacaram a Fazenda São Luís, matando 11 peões. "Depois que os índios fizeram aquela revolução — disse ele — desistimos de morar por lá."

No local onde funciona a balsa, chegou a crescer, a partir de 1971, um pequeno povoado chamado Piaruçú. Mas acabou sendo desativado depois de várias ameaças de ataque feitas pelos índios. Hoje existem no local apenas restos de construções e a casa do balseiro.

Eliana Lucena, enviada especial.



jornal da tarde

O ESTADO DE S. PAULO

30/03/84